

AS DUAS BESTAS DE APOCALIPSE 13

LEVIATÃ, BEHEMOTH, DANIEL 7 E O SIGNIFICADO DA MARCA DA BESTA

INTRODUÇÃO

Apocalipse 13 constitui uma das passagens mais conhecidas e debatidas dos Escritos Nazarenos [cite: 3]. O capítulo apresenta duas bestas, uma que emerge do mar e outra que sobe da terra, além do dragão que concede autoridade à primeira besta [cite: 3]. A narrativa culmina com a imposição de uma marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, sem a qual ninguém pode comprar ou vender, e com a famosa referência ao número 666 [cite: 3]. Ao longo dos séculos, esse texto gerou inúmeras interpretações, muitas vezes concentradas exclusivamente na identidade do chamado Antimessias ou na tentativa de identificar tecnologicamente a marca da besta [cite: 3].

Entretanto, uma análise cuidadosa do contexto bíblico demonstra que Apocalipse 13 está profundamente enraizado nas Escrituras Hebraicas [cite: 3]. A linguagem utilizada por Yochanan não surge isoladamente [cite: 3]. As imagens das bestas, do mar, da terra, da blasfêmia, da perseguição aos santos, do nome colocado sobre os fiéis e da derrota final do caos possuem antecedentes claros em textos como Daniel 7, Jó 40–41, Isaías 24–27, Salmos 74 e 89, Êxodo 13 e Números 6 [cite: 3].

Um dos elementos frequentemente negligenciados é que Yochanan não vê apenas uma besta, mas duas [cite: 3]. Na fonte do estudo, enfatiza-se [cite: 3]:

“O primeiro detalhe em Apocalipse 13 que tende a ser ignorado é o fato de que Yochanan realmente vê duas bestas, uma que sobe do mar e outra que sobe da terra.” [cite: 3]

Essa distinção abre duas importantes possibilidades interpretativas [cite: 3]. A primeira, amplamente reconhecida, relaciona as bestas de Apocalipse 13 às quatro bestas de Daniel 7 [cite: 3]. A segunda, menos conhecida, relaciona a besta do mar e a besta da terra aos monstros do caos encontrados em Jó 40–41 e na tradição judaica: Leviatã e Behemoth [cite: 3].

O presente artigo examina essas duas linhas interpretativas, demonstrando que elas não precisam necessariamente ser mutuamente exclusivas [cite: 3]. Apocalipse frequentemente combina diferentes tradições das Escrituras Hebraicas e do Judaísmo do Segundo Templo para construir sua linguagem simbólica [cite: 3]. O objetivo, portanto, não é apenas identificar personagens, mas compreender a grande mensagem teológica do

capítulo: a guerra do caos contra a ordem estabelecida por Elohim e a fidelidade exigida daqueles que pertencem ao Mashiach [cite: 3].

1. AS DUAS BESTAS DE APOCALIPSE 13

Apocalipse 13 apresenta três personagens fundamentais: o dragão, a besta do mar e a besta da terra [cite: 3]. A identidade do dragão é explicitamente fornecida no capítulo anterior [cite: 3]:

“E foi lançado o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo e HaSatan, que engana todo o mundo” (Ap 12:9) [cite: 3].

Assim, entende-se sem dificuldade que o dragão representa HaSatan [cite: 3]. A primeira besta emerge do mar e possui sete cabeças e dez chifres [cite: 3]. Ela reúne características de leopardo, urso e leão [cite: 3]. Recebe autoridade do dragão, sofre uma ferida aparentemente mortal e posteriormente é restaurada [cite: 3]. A segunda besta emerge da terra, possui dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas fala como dragão [cite: 3]. Ela realiza sinais e direciona a humanidade à adoração da primeira besta [cite: 3].

Resume-se a visão nos seguintes termos [cite: 3]:

“Somos apresentados à visão de Yochanan na qual ele vê duas bestas, uma do mar e outra da terra, além do dragão que concede poder à primeira besta.” [cite: 3]

Essa estrutura é importante porque muitas interpretações populares tratam todo o capítulo como se apenas uma entidade estivesse sendo descrita [cite: 3].

2. O CAOS COMO PANO DE FUNDO DE APOCALIPSE 13

Para compreender as duas bestas, entende-se ser necessário compreender o significado bíblico do caos [cite: 3]. Na exposição analisada, Michael Heiser explica [cite: 3]:

“Quando utilizo o termo caos, quero dizer tudo aquilo que não é Éden, tudo aquilo que é anti-Éden.” [cite: 3]

O caos bíblico não significa apenas desorganização [cite: 3]. Ele envolve morte, destruição, separação de Elohim, fragmentação da humanidade, violência e inversão da

ordem estabelecida pelo Criador [cite: 3]. Enquanto o Éden representa ordem, vida, comunhão e governo divino, o caos representa [cite: 3]:

- morte; [cite: 3]
- decadência; [cite: 3]
- desordem; [cite: 3]
- exílio; [cite: 3]
- separação; [cite: 3]
- rebelião; [cite: 3]
- domínio de poderes contrários a Elohim [cite: 3].

Nesse sentido, Apocalipse 13 representa a manifestação concentrada das forças anti-Éden [cite: 3]. O capítulo descreve aquilo que poderia ser chamado de uma última grande ofensiva do caos contra o povo de Elohim [cite: 3].

3. BABEL COMO CENTRO SIMBÓLICO DA REBELIÃO

O tema do caos está intimamente relacionado a Babel e Babilônia [cite: 3]. Observa-se na fonte do estudo que diferentes rebeliões bíblicas possuem conexões literárias e geográficas com a Mesopotâmia [cite: 3]:

“Existe uma série de coisas acontecendo aqui que conecta toda essa confusão caótica a Babel e Babilônia.” [cite: 3]

Gênesis 3 descreve a primeira rebelião [cite: 3]. Gênesis 6 apresenta outra transgressão envolvendo seres celestiais [cite: 3]. Gênesis 11 registra Babel e a fragmentação das nações [cite: 3]. Deuteronômio 32:8-9 adiciona a dimensão espiritual ao episódio de Babel, associando as nações aos filhos de Elohim [cite: 3]. Com o desenvolvimento da história bíblica, Babilônia torna-se símbolo de oposição ao governo do Eterno [cite: 3]. No Apocalipse, essa tradição culmina em “Babilônia, a Grande” [cite: 3]. Portanto, as bestas de Apocalipse 13 aparecem dentro de um universo simbólico relacionado à restauração final do caos babilônico antes de sua destruição definitiva [cite: 3].

4. A PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO: LEVIATÃ E BEHEMOTH

Uma das interpretações menos conhecidas das duas bestas relaciona Apocalipse 13 a Jó 40–41 [cite: 3]. O livro de Jó apresenta duas grandes criaturas: Behemoth, relacionado à terra, e Leviatã, relacionado ao mar [cite: 3].

Explica-se a passagem da seguinte forma [cite: 3]:

“Em Jó 40 e 41 você possui a besta do mar e a besta da terra.” [cite: 3]

Essa associação é particularmente interessante porque Apocalipse 13 também apresenta exatamente uma besta marítima e uma terrestre [cite: 3]. Autores como G. K. Beale e Sean McDonough observaram esse paralelo ao analisar o uso das Escrituras Hebraicas no Apocalipse [cite: 3].

Segundo a exposição apresentada [cite: 3]:

“A representação das duas bestas em Apocalipse 13 é baseada, em parte, em Jó 40 e 41, que é o único lugar nas Escrituras Hebraicas que apresenta juntas duas bestas associadas à oposição contra Elohim.” [cite: 3]

Essa interpretação não substitui Daniel 7, mas acrescenta uma camada importante ao simbolismo [cite: 3].

5. LEVIATÃ COMO MONSTRO DO CAOS

Leviatã aparece em diversas passagens das Escrituras Hebraicas [cite: 3]. Em Isaías 27:1 lê-se [cite: 3]:

“Naquele dia, YHWH castigará com sua espada dura, grande e forte o Leviatã, serpente veloz, o Leviatã, serpente tortuosa” [cite: 3].

Entende-se que Leviatã não funciona simplesmente como descrição zoológica [cite: 3]. Na tradição do antigo Oriente Próximo, monstros marinhos eram símbolos do caos [cite: 3].

Afirma-se na fonte [cite: 3]:

“Leviatã é o grande símbolo do caos, conhecido por todo o antigo Oriente Próximo.” [cite: 3]

Essa linguagem aparece também no Salmo 74, onde Elohim derrota monstros do mar [cite: 3]. A imagem transmite a soberania do Eterno sobre tudo aquilo que ameaça sua ordem [cite: 3]. Quando Apocalipse apresenta uma besta saindo do mar, o leitor familiarizado com essas tradições poderia perceber imediatamente a associação com forças caóticas [cite: 3].

6. BEHEMOTH COMO A BESTA DA TERRA

Behemoth aparece em Jó 40:15-24 [cite: 3]. Na tradição judaica posterior, Behemoth tornou-se frequentemente o correspondente terrestre de Leviatã [cite: 3].

Comenta-se no estudo [cite: 3]:

“Existe um monstro do caos terrestre e um monstro do caos marítimo nas Escrituras Hebraicas.” [cite: 3]

Na literatura judaica do Segundo Templo, essa relação torna-se ainda mais explícita [cite: 3]. 1 Enoque 60 apresenta Leviatã e Behemoth como duas criaturas separadas, destinadas a diferentes regiões [cite: 3]. 2 Baruque 29 também relaciona ambos à consumação messiânica [cite: 3]. Assim, o par Leviatã–Behemoth oferecia ao leitor judeu antigo uma linguagem muito apropriada para representar duas manifestações complementares do caos: uma que vem do mar e outra que vem da terra [cite: 3]. Essa estrutura corresponde de maneira impressionante à configuração de Apocalipse 13 [cite: 3].

7. LEVIATÃ E BEHEMOTH SERÃO DESTRUÍDOS

A importância escatológica dessas criaturas encontra-se na tradição de que seriam finalmente derrotadas pelo Eterno [cite: 3].

Sustenta-se no material [cite: 3]:

“Essas duas bestas eram símbolos dos poderes do mal e seriam destruídas no julgamento final.” [cite: 3]

Essa expectativa torna o paralelo com Apocalipse ainda mais significativo [cite: 3]. A besta marítima e a terrestre não são eternas [cite: 3]. Assim como Leviatã e Behemoth simbolizam forças que Elohim finalmente subjugará, as bestas do Apocalipse também caminham para sua destruição [cite: 3]. Portanto, a mensagem central não é simplesmente terror diante das bestas, mas a certeza de que o caos possui prazo determinado [cite: 3].

8. O BANQUETE ESCATOLÓGICO

A tradição judaica desenvolveu uma imagem extraordinária relacionada à derrota dos monstros do caos: Leviatã e Behemoth tornam-se alimento no banquete escatológico [cite: 3].

“Na tradição judaica, a destruição de Rahab e Leviatã fazia parte do chamado motivo do banquete divino.” [cite: 3]

Essa tradição aparece especialmente em 2 Baruque [cite: 3]. O texto apresenta Behemoth saindo de sua região e Leviatã emergindo do mar para se tornarem alimento daqueles que viverão na era messiânica [cite: 3]. O sentido teológico é profundo: o caos não apenas será derrotado, mas será completamente consumido [cite: 3]. Aquilo que anteriormente ameaçava a criação não possuirá mais poder sobre ela [cite: 3].

9. ISAÍAS E O BANQUETE MESSIÂNICO

Isaías 25 apresenta uma das grandes imagens do banquete escatológico [cite: 3]:

“YHWH dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um banquete de coisas excelentes” (Is 25:6) [cite: 3].

O texto continua declarando [cite: 3]:

“Aniquilará a morte para sempre” (Is 25:8) [cite: 3].

Destaca-se na exposição [cite: 3]:

“O banquete culmina na derrota do sofrimento e da morte. Elohim tragará a morte para sempre.” [cite: 3]

O contexto de Isaías 24–27 é claramente escatológico, associando o banquete à derrota da morte, ressurreição, restauração, julgamento, reunião das nações e ao monte de Sião [cite: 3]. Portanto, entende-se que a tradição do banquete não é periférica, pertencendo ao centro da esperança profética de restauração [cite: 3].

10. O BANQUETE PARA ISRAEL E AS NAÇÕES

Outro aspecto importante da profecia de Isaías é seu caráter universal [cite: 3]. Observa-se no estudo [cite: 3]:

“O banquete escatológico será um banquete internacional, que incluirá tanto as tribos restauradas de Israel quanto as nações gentílicas.” [cite: 3]

Isaías 25 declara que a festa será preparada “para todos os povos” [cite: 3]. Essa imagem está diretamente relacionada ao projeto de restauração das nações [cite: 3]. Enquanto Babel produziu dispersão, o Reino do Mashiach produz reunião [cite: 3]. O banquete escatológico representa o retorno da família humana à comunhão com o Eterno [cite: 3]. A visão conecta-se naturalmente à esperança do Reino apresentada posteriormente no Apocalipse [cite: 3].

11. O MANÁ RETORNA NA ERA MESSIÂNICA

2 Baruque 29 preserva uma tradição segundo a qual o maná retornaria na era messiânica [cite: 3]. Cita-se na fonte [cite: 3]:

“Naquele tempo o tesouro do maná descera novamente do alto.” [cite: 3]

A imagem conecta o futuro Reino à experiência do Êxodo [cite: 3]. Se o primeiro Êxodo libertou Israel do Egito, o Êxodo escatológico representa a libertação definitiva da humanidade fiel diante dos poderes do caos [cite: 3]. O retorno do maná simboliza provisão divina, restauração e abundância [cite: 3]. Da mesma maneira, a tradição descreve vinho em extraordinária abundância, revelando a renovação de toda a criação [cite: 3].

12. A SEGUNDA INTERPRETAÇÃO: DANIEL 7

Embora a leitura Leviatã–Behemoth seja importante, entende-se que Daniel 7 constitui o pano de fundo mais evidente para Apocalipse 13 [cite: 3]. Reconhece-se no material [cite: 3]:

“A segunda visão é mais comum e mais provável [...] existem raízes muito seguras aqui.” [cite: 3]

Daniel contempla quatro grandes bestas emergindo do mar, com características de leão, urso, leopardo e uma quarta besta terrível [cite: 3]. Em Apocalipse 13, Yochanan combina essas características em uma única besta, o que demonstra claramente o reuso de Daniel 7 [cite: 3].

13. AS QUATRO BESTAS DE DANIEL REUNIDAS EM UMA

Apocalipse 13:2 descreve a besta como semelhante a leopardo, com pés de urso e boca de leão [cite: 3]. Esses elementos vêm diretamente de Daniel 7 [cite: 3].

“Enquanto em Daniel 7 as imagens do leão, urso, leopardo e besta terrível representam quatro impérios sucessivos, em Apocalipse 13 todas essas imagens são aplicadas a uma única besta.” [cite: 3]

Essa combinação transforma a besta do Apocalipse numa síntese dos impérios anteriores, incorporando características de todos eles [cite: 3]. O significado é evidente: o sistema final de oposição ao Reino de Elohim concentra em si mesmo o caráter dos poderes imperiais que anteriormente oprimiram seu povo [cite: 3].

14. ROMA E A QUARTA BESTA

Daniel 7 é frequentemente relacionado a uma sequência de impérios que culmina no poder romano [cite: 3]. Afirma-se na fonte [cite: 3]:

“Isso provavelmente inclui uma referência a Roma como a quarta besta.” [cite: 3]

A relação é reforçada quando Daniel 2 e Daniel 7 são analisados em conjunto [cite: 3]. O Reino de Elohim começa a manifestar-se historicamente durante o período do Império Romano, exatamente quando o Mashiach aparece [cite: 3]. Por isso, Roma desempenha importante papel tipológico no Apocalipse [cite: 3]. Entretanto, entende-se que o simbolismo ultrapassa o império histórico: Roma torna-se modelo de poder político contrário ao Reino, tornando a besta simultaneamente histórica, simbólica e escatológica [cite: 3].

15. A BOCA QUE PROFERE BLASFÊMIAS

Daniel 7 descreve um chifre com boca que fala grandes coisas, e Apocalipse 13 reaproveita essa linguagem [cite: 3]: *“Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias”* (Ap 13:5) [cite: 3].

“A referência à besta expressando sua autoridade através da fala possui paralelos claros em Daniel 7.” [cite: 3]

O tema não é simplesmente eloquência [cite: 3]. A fala da besta expressa oposição direta ao Eterno, blasfemando contra Elohim, seu Nome e aqueles que habitam nos céus [cite: 3]. Assim, sua autoridade política está intimamente ligada à rebelião espiritual [cite: 3].

16. GUERRA CONTRA OS SANTOS

Apocalipse 13:7 afirma que *“foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los”* [cite: 3]. Daniel 7 já havia apresentado linguagem semelhante, em que a besta e o chifre combatem o povo santo [cite: 3]. Demonstra-se que a linguagem grega do Apocalipse possui correspondências com a Septuaginta de Daniel, evidenciando que Yochanan interpreta a perseguição final do povo de Elohim como continuação e intensificação do padrão apresentado em Daniel [cite: 3]. O povo santo sofre temporariamente, mas a autoridade das bestas não é definitiva [cite: 3]. Tanto Daniel quanto Apocalipse terminam com os santos recebendo o Reino [cite: 3].

17. AS BESTAS COMO IMITAÇÃO DO MASHIACH

Uma característica fundamental de Apocalipse 13 é a imitação [cite: 3]. A besta sofre uma ferida mortal e aparentemente retorna à vida; a segunda besta realiza sinais, faz fogo descer do céu e conduz pessoas à adoração [cite: 3]. Tudo isso produz uma paródia da verdadeira autoridade messiânica [cite: 3].

“As bestas parecem imitar o Mashiach de diferentes maneiras.” [cite: 3]

O sistema da besta não apresenta simplesmente uma negação aberta, mas uma falsificação [cite: 3]. A estrutura lembra aquilo que é verdadeiro, mas redireciona a fidelidade para outra autoridade [cite: 3]. Esse tema é fundamental para compreender a marca [cite: 3].

18. A SEGUNDA BESTA COMO FALSO PROFETA

A segunda besta possui características proféticas, realizando sinais diante das pessoas e fazendo fogo descer do céu [cite: 3]. Isso lembra especialmente Eliyahu [cite: 3].

“O fogo descendo do céu diante das pessoas recorda a demonstração profética de Eliyahu.” [cite: 3]

Entretanto, em Apocalipse 13 essa ação possui caráter enganador [cite: 3]. Aquilo que anteriormente confirmava o profeta verdadeiro é agora imitado pelo falso [cite: 3]. Mais tarde, o próprio Apocalipse identifica essa personagem com o “falso profeta” [cite: 3]. Tem-se, portanto, uma estrutura de imitação composta pelo dragão, pela besta e pelo falso profeta, os quais apresentam uma contrafação da verdadeira ordem celestial [cite: 3].

19. MOSHÊ, ELIAHU E A IMITAÇÃO DO VERDADEIRO MASHIACH

Yeshua é apresentado nos Escritos Nazarenos como superior a Moshê e relacionado tipologicamente a Eliyahu [cite: 3]. A besta imita exatamente esses padrões [cite: 3].

“A besta está tentando apresentar-se como uma espécie de novo Moshê e novo Eliyahu.” [cite: 3]

Isso revela uma importante dimensão do engano: a falsificação precisa parecer legítima, utilizando sinais, autoridade e linguagem religiosa [cite: 3]. Não basta a besta possuir poder; ela procura reivindicar legitimidade [cite: 3]. Esse é um dos motivos pelos quais o discernimento constitui tema central do Apocalipse [cite: 3].

20. A MARCA DA BESTA E O CONCEITO DE “LEVAR O NOME”

A marca da besta é provavelmente o elemento mais especulado de Apocalipse 13 [cite: 3]. Entretanto, argumenta-se na fonte que seu pano de fundo fundamental é o conceito bíblico de carregar ou levar o nome de determinada autoridade [cite: 3].

“O que você possui aqui é um conceito de levar o nome. De quem você é representante? De Elohim e Yeshua ou da besta?” [cite: 3]

Na Torá, Israel foi chamado para levar o Nome do Eterno entre as nações, o que significa representar seu caráter e autoridade [cite: 3]. Assim, a marca da besta funciona como contraponto, indicando alinhamento, pertencimento e fidelidade [cite: 3].

21. O NOME DE YHWH SOBRE ISRAEL

Números 6 registra a conhecida bênção sacerdotal, seguida por uma declaração fundamental [cite: 3]: *“Assim porão o meu Nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei”* (Nm 6:27) [cite: 3].

“Os filhos de Israel levavam o Nome, mas não de maneira literalista.” [cite: 3]

Não havia necessidade de escrever fisicamente o Nome sobre cada israelita; trata-se de identidade, indicando que Israel pertence a YHWH e o representa [cite: 3]. Esse conceito fornece um importante pano de fundo para compreender o Nome da besta colocado sobre seus seguidores [cite: 3].

22. ÊXODO 13: A MÃO E A FRONTE

Uma conexão ainda mais explícita encontra-se em Êxodo 13:9 [cite: 3]: *"E isso te será por sinal sobre tua mão e por memorial entre teus olhos"* [cite: 3]. A passagem está relacionada à memória do Êxodo, Pessach e Pães Asmos [cite: 3].

"Isso está claramente dizendo que a observância da Pessach era um sinal sobre as mãos e sobre as frentes dos israelitas." [cite: 3]

O ponto principal não é necessariamente uma marca física [cite: 3]. A mão simboliza ação, enquanto a frente associa-se à mente, identidade e memória [cite: 3]. A pessoa pertencente ao Eterno manifesta sua aliança no pensamento e na prática [cite: 3]. Apocalipse utiliza exatamente essa linguagem [cite: 3].

23. A MARCA COMO PARÓDIA DA ALIANÇA

Entende-se que a marca da besta deve ser vista como imitação da marca pertencente ao povo de Elohim [cite: 3]. O Apocalipse apresenta também os servos de Elohim selados na frente, e Apocalipse 14:1 descreve os 144.000 tendo o Nome do Cordeiro e o Nome do Pai sobre suas frentes [cite: 3]. Existe, portanto, uma simetria evidente: os seguidores do Cordeiro levam seu Nome, enquanto os seguidores da besta levam o nome da besta [cite: 3].

"A marca é uma paródia dessa ideia. É uma imitação do conceito de levar o Nome." [cite: 3]

A questão central permanece sendo a fidelidade: a quem a pessoa pertence e quem é seu verdadeiro soberano [cite: 3].

24. A MARCA NÃO PRECISA SER UM DISPOSITIVO TECNOLÓGICO

Interpretações populares frequentemente associam a marca a códigos de barras, microchips ou outras tecnologias [cite: 3]. Na análise apresentada, rejeita-se a necessidade dessa leitura [cite: 3]:

"Não se trata de usar códigos de barras. Trata-se de saber de que lado você está." [cite: 3]

Isso não significa que a perseguição econômica não possa possuir mecanismos concretos, pois Apocalipse afirma claramente que aqueles que não possuem a marca não

poderão comprar ou vender [cite: 3]. O argumento é outro: o centro teológico da marca não é a tecnologia utilizada, mas a lealdade [cite: 3]. A tecnologia, caso exista, seria apenas instrumento; a questão fundamental permanece sendo a quem se serve [cite: 3].

25. COMPRAR E VENDER COMO INSTRUMENTO DE OPRESSÃO

Apocalipse 13:17 declara que ninguém poderá comprar ou vender sem a marca [cite: 3]. Interpreta-se isso como forma de coerção e perseguição [cite: 3]:

“Parte dessa perseguição será: você não pode comprar nem vender.”
[cite: 3]

A exclusão econômica transforma a fidelidade religiosa em questão de sobrevivência [cite: 3]. A pessoa é pressionada a abandonar o Mashiaich para participar normalmente da sociedade [cite: 3]. Nesse sentido, a marca representa coerção política, econômica e religiosa, onde a besta exige não somente submissão pública, mas fidelidade total [cite: 3].

26. MOEDAS ROMANAS E OUTRAS HIPÓTESES

Alguns estudiosos relacionaram a proibição de comprar e vender ao uso de moedas romanas contendo imagens imperiais [cite: 3]. O estudo considera essa explicação insuficiente [cite: 3]:

“O texto não diz que os discípulos recusam moedas. Diz que eles não podem comprar ou vender.” [cite: 3]

Além disso, a marca aparece explicitamente associada à mão e à frente, o que corresponde de maneira mais natural à linguagem da Torá do que às imagens monetárias [cite: 3]. Portanto, embora o contexto econômico romano possa fornecer paralelos importantes, ele não necessariamente explica todo o simbolismo [cite: 3].

27. O NÚMERO 666

Apocalipse 13:18 declara: *“Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é número de homem; e seu número é seiscentos e sessenta e seis”* [cite: 3]. Ao contrário das conexões com Daniel, Jó e Êxodo, o significado exato do número é muito menos seguro [cite: 3]. Reconhece-se na fonte [cite: 3]:

“Não existe uma contribuição realmente segura das Escrituras Hebraicas para explicar o número 666.” [cite: 3]

Essa postura analítica é importante, pois demonstra que muitas interpretações são possíveis sem que nenhuma tenha alcançado consenso absoluto [cite: 3].

28. NERO E A GEMATRIA

A interpretação mais conhecida identifica 666 com Nero César por meio da gematria [cite: 3]. Dependendo da grafia utilizada no hebraico, as letras do nome *Neron Kesar* podem somar 666 [cite: 3]. Existe também a variante textual 616 em alguns manuscritos de Apocalipse, que corresponde a outra grafia do nome de Nero [cite: 3]. Essa correspondência tornou a hipótese extremamente popular [cite: 3]. Entretanto, apresentam-se reservas no estudo [cite: 3]:

“Nero funciona se você soletrar o nome de determinada maneira.” [cite: 3]

Isso não torna a hipótese impossível, mas demonstra que ela depende de decisões linguísticas específicas [cite: 3].

29. IRINEU E O PROBLEMA DA IDENTIFICAÇÃO COM NERO

Um argumento relevante apresentado na análise envolve o testemunho de Irineu de Lião, que viveu próximo ao período apostólico e discutiu diferentes possibilidades para o número 666 [cite: 3]. Segundo o material [cite: 3]:

“Irineu nem sequer apresenta Nero como opção.” [cite: 3]

Isso é significativo porque Irineu certamente conhecia a memória de Nero e sua perseguição aos seguidores de Yeshua [cite: 3]. Se a identificação fosse considerada evidente entre os primeiros discípulos, seria razoável esperar que aparecesse em sua discussão [cite: 3]. Essa ausência não destrói a hipótese de Nero, mas mostra que ela não era necessariamente óbvia para todos os antigos intérpretes [cite: 3].

30. TEITAN, TITÃS E 666

Irineu considerou interessante uma possibilidade baseada no nome *Teitan* (Titã), cuja soma numérica no grego resulta em 666 [cite: 3]. Explica-se no estudo [cite: 3]:

“Irineu considerava essa solução particularmente convincente porque era um nome divino e real, até mesmo tirânico.” [cite: 3]

A partir daí surge uma cadeia interpretativa simbólica: 666 \$ ightrightarrow\$ Titã \$ ightrightarrow\$ gigantes \$ ightrightarrow\$ tradições relacionadas aos Vigilantes \$ ightrightarrow\$ Nimrod \$ ightrightarrow\$ Babel [cite: 3]. Essa associação não está explicitamente formulada em nenhuma passagem bíblica, fato reconhecido no próprio estudo [cite: 3]. Entretanto, dentro da literatura antiga, a conexão entre gigantes, rebeliões primordiais e estruturas imperiais fornecia uma rede simbólica compreensível [cite: 3].

31. NIMROD E BABEL

Nimrod aparece em Gênesis 10 associado à região de Babel, e a tradição judaica posterior desenvolveu amplamente sua figura [cite: 3]. Ressalta-se na fonte [cite: 3]:

“Nimrod, naturalmente, está associado a Babel.” [cite: 3]

Como Apocalipse posteriormente apresenta “Babilônia, a Grande”, uma conexão entre a besta e o arquétipo babilônico do poder rebelde é teologicamente plausível [cite: 3]. Entretanto, recomenda-se cautela: a Bíblia não afirma explicitamente que Nimrod é o Antimessias, tampouco afirma que 666 significa Nimrod [cite: 3]. Essas relações são inferências simbólicas construídas a partir de diferentes tradições [cite: 3].

32. O NÚMERO 666 NAS ESCRITURAS HEBRAICAS

O número 666 aparece explicitamente em três referências das Escrituras Hebraicas [cite: 3]. Duas delas tratam da quantidade de ouro recebida por Shelomoh (Salomão) a cada ano: *“O peso do ouro que vinha a Shelomoh cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos”** (1Rs 10:14; cf. 2Cr 9:13) [cite: 3]. A terceira encontra-se em Esdras 2:13, relacionada aos descendentes de Adonikam [cite: 3]. Alguns estudiosos tentaram relacionar o 666 de Apocalipse ao ouro de Shelomoh, mas a análise rejeita essa leitura [cite: 3]:

“Não encontro isso persuasivo.” [cite: 3]

Entende-se que a simples ocorrência do mesmo número não demonstra necessariamente intertextualidade [cite: 3].

33. POR QUE A HIPÓTESE DE SHELOMOH É FRÁGIL

A hipótese sobre Salomão afirma que os 666 talentos simbolizariam riqueza excessiva, exploração e transgressão das normas reais da Torá, comparando a besta a um rei corrupto [cite: 3]. Entretanto, aponta-se uma dificuldade histórica importante: a literatura judaica do Segundo Templo frequentemente apresenta Shelomoh de maneira positiva, especialmente como alguém dotado de sabedoria e autoridade sobre espíritos [cite: 3].

“A representação de Shelomoh na literatura judaica do Segundo Templo não é negativa. Ele é apresentado como exorcista e com poder sobre demônios.” [cite: 3]

Isso torna menos provável que seu número de ouro constituísse o pano de fundo principal da besta [cite: 3].

34. 666 COMO SÍMBOLO AINDA NÃO TOTALMENTE RESOLVIDO

Depois de examinar diferentes possibilidades, o estudo chega a uma conclusão prudente [cite: 3]:

“Ninguém realmente sabe especificamente do que isso está falando.” [cite: 3]

Essa afirmação não significa que todas as interpretações possuem o mesmo valor; algumas são historicamente mais plausíveis que outras [cite: 3]. A identificação com Nero possui força contextual, a proposta de Teitan possui testemunho antigo e as associações com Babel possuem coerência teológica, mas nenhuma solução remove completamente todas as dificuldades [cite: 3]. Portanto, o número permanece como uma questão aberta [cite: 3].

35. O QUE É MAIS SEGURO EM APOCALIPSE 13?

Conclui-se no estudo que o simbolismo das bestas possui base textual muito mais sólida do que a identificação específica do número 666 [cite: 3]:

“A parte realmente substancial aqui está nas bestas. Isso ajuda a solidificar a orientação de caos de todo o capítulo.” [cite: 3]

Essa observação oferece uma orientação hermenêutica fundamental: a especulação sobre o número não deve obscurecer os temas claros de Apocalipse 13, tais como os poderes anti-Éden, as estruturas de dominação, a imitação do Mashiach, a perseguição aos santos, a exigência de fidelidade, a coerção econômica e a oposição ao Reino de Elohim [cite: 3]. Esses temas são substancialmente mais seguros do que tentativas de identificação individual exclusiva por meio da gematria [cite: 3].

CONCLUSÃO

Apocalipse 13 deve ser compreendido dentro da vasta rede simbólica das Escrituras Hebraicas e da literatura judaica do período do Segundo Templo [cite: 3]. As duas bestas não surgem como imagens isoladas, pois carregam ecos de Daniel 7, Jó 40–41, Isaías 27 e antigas tradições relacionadas aos monstros do caos [cite: 3].

A relação entre a besta do mar e Leviatã, bem como entre a besta da terra e Behemoth, oferece uma perspectiva especialmente importante [cite: 3]. Esses monstros representam as forças anti-Éden, isto é, tudo aquilo que se opõe à ordem, à vida e ao governo estabelecido por Elohim [cite: 3]. Na tradição escatológica judaica, ambos finalmente são destruídos, e sua derrota torna-se símbolo da eliminação definitiva do caos [cite: 3].

Ao mesmo tempo, Daniel 7 constitui o pano de fundo mais evidente [cite: 3]. A besta de Apocalipse reúne as características do leão, do urso, do leopardo e da quarta besta de Daniel [cite: 3]. Yochanan apresenta, assim, uma concentração dos impérios rebeldes em uma manifestação final de autoridade hostil ao Reino do Eterno [cite: 3].

A segunda besta desempenha papel profético e imitativo [cite: 3]. Ela realiza sinais que lembram Moshê e Eliyahu, mas os utiliza para conduzir a humanidade à adoração da besta [cite: 3]. Essa característica revela que o conflito final não é simplesmente entre religião e irreligião; é também entre verdade e falsificação, entre o verdadeiro Mashiach e uma estrutura que procura imitar sua autoridade [cite: 3].

A marca da besta deve igualmente ser compreendida dentro da linguagem da Torá [cite: 3]. Israel recebeu o Nome de YHWH e foi chamado a carregá-lo diante das nações [cite: 3]. Êxodo 13 apresenta a Palavra e a memória da redenção como sinal sobre a mão e entre os olhos [cite: 3]. Apocalipse utiliza essa mesma estrutura simbólica para apresentar duas comunidades: aqueles que possuem o Nome do Cordeiro e aqueles que possuem o nome da besta [cite: 3].

Nesse sentido, a questão central da marca não é primeiramente tecnológica [cite: 3]. Seu significado fundamental é lealdade: a mão representa ação, enquanto a fronte representa identidade, consciência e pertencimento [cite: 3]. Receber a marca significa alinhar-se ao sistema da besta e reconhecer sua autoridade em oposição ao Eterno e ao Mashiach [cite: 3].

O número 666 permanece mais difícil [cite: 3]. A interpretação envolvendo Nero possui importante base histórica e gemátrica, enquanto Irineu preserva outras propostas antigas, entre elas Teitan [cite: 3]. Associações com gigantes, Nimrod e Babel são teologicamente interessantes, mas não podem ser apresentadas como conclusões textuais definitivas [cite: 3]. Da mesma forma, a conexão com os 666 talentos de ouro de Shelomoh é possível, porém pouco convincente diante das evidências disponíveis [cite: 3].

“A parte realmente substancial aqui está nas bestas. Isso ajuda a solidificar a orientação de caos de todo o capítulo.” [cite: 3]

O elemento mais seguro de Apocalipse 13 é, portanto, sua mensagem sobre o conflito entre o Reino de Elohim e as forças do caos [cite: 3]. O capítulo não foi escrito para alimentar especulação ilimitada, mas para convocar os santos à fidelidade [cite: 3]. A pergunta fundamental não é apenas “quem é a besta?” ou “qual tecnologia produzirá a marca?”, mas “de quem é o Nome que carregamos?” [cite: 3]

O Apocalipse apresenta somente duas fidelidades finais: de um lado está o dragão, as bestas e Babilônia; do outro está o Cordeiro, o Eterno e a Nova Jerusalém [cite: 3]. O conflito de Apocalipse 13 deve, portanto, ser compreendido como uma batalha pela adoração, identidade e fidelidade [cite: 3]. A aparente vitória das bestas é temporária; a derrota do caos e o estabelecimento definitivo do Reino pertencem ao Eterno e ao seu Mashiach [cite: 3].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. [cite: 3]
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (eds.). *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007. [cite: 3]
- BÍBLIA. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Ed. Karl Elliger; Wilhelm Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997. [cite: 3]
- COLLINS, Adela Yarbro. *Numerical Symbolism in Jewish and Early Christian Apocalyptic Literature*. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, II.21.2. [cite: 3]
- COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. 3. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2016. [cite: 3]
- ENOQUE. 1 *Enoque*, especialmente capítulo 60. Literatura judaica do período do Segundo Templo. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible*. Bellingham: Lexham Press, 2015. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *Demons: What the Bible Really Says About the Powers of Darkness*. Bellingham: Lexham Press, 2020. [cite: 3]
- HEISER, Michael S. *Reversing Hermon: Enoch, the Watchers, and the Forgotten Mission of Jesus Christ*. Crane: Defender Publishing, 2017. [cite: 3]
- IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*, Livro V, especialmente 30.3. [cite: 3]
- PITRE, Brant. *Jesus and the Last Supper*. Grand Rapids: Eerdmans, 2015. [cite: 3]
- STRAWN, Brent A.; BODNER, Keith. *Solomon and 666 (Revelation 13:18)*. *New Testament Studies*, v. 66, 2020. [cite: 3]
- 2 BARUQUE. Especialmente capítulos 29–30. Literatura apocalíptica judaica. [cite: 3]
- Textos bíblicos principais: Gênesis 3; 6; 10–11; Êxodo 13:9; 24:9-11; Números 6:22-27; 13:21-24; 1 Reis 10:14; 18; 2 Reis 1; 2 Crônicas 9:13; Jó 40–41; Salmos 74; 89; Isaías 24–27; 55; 62; 65; Jeremias 15; 43; Daniel 2; 7; Zacarias 9; Apocalipse 12–14; 17–22. [cite: 3]
- Fonte primária do artigo: transcrição fornecida contendo exposição sobre Apocalipse 13, as duas bestas, Leviatã e Behemoth, Daniel 7, a tradição do banquete escatológico, a marca da besta, o conceito bíblico de levar o Nome e as principais propostas interpretativas para o número 666. [cite: 3]